

Um olhar sobre a diferença no contexto da modernidade

Resumo

Esse artigo, uma contribuição para a área da Educação Especial, expressa uma leitura acerca da diferença no contexto da modernidade, resgatando alguns referenciais que tecem a crítica à supremacia da razão e à idéia de progresso propugnada especialmente pela ciência. Aponta algumas contradições presentes no projeto desta modernidade, em particular as que se referem ao modo como foram sendo excluídos do processo os tantos grupos sociais marcados pela singularidade, seja ela cultural ou mesmo genética. Pautado numa compreensão da modernidade como movimento mais incerto (Balandier), o texto tem a pretensão de provocar o debate e explicitar as incertezas que brotam de minhas inquietações como educadora, no sentido de problematizar como a questão da diferença vem sendo concebida e praticada na trajetória dos últimos séculos.

Palavras-chave: modernidade, igualdade, diferença.

O debate em torno da diferença, mesmo não sendo recente, ganhou maior visibilidade tanto no Brasil, quanto em outros países, a partir de meados do século XX, também em razão das lutas em defesa dos direitos humanos e da consolidação das organizações dos grupos considerados diferentes: os portadores de necessidades especiais, os negros, os homossexuais, os meninos e as meninas que vivem nas ruas, o movimento feminista, entre

Abstract

This article, which is a contribution for special education, express a reading about the difference in the context of modernity, bringing to present some references that a criticism to the supremacy of reason and the idea of progress defended specially by science. It shows some contradictions present in the project of this modernity; particularly the ones that refer to the way many social groups marked by singularity have been excluded from the process. Related in a comprehension of modernity as a movement plus uncertainty (Balandier), the text has the pretension to provoke the debate and clearly show the uncertainty that come from my uneasiness as an educator, in the sense of opening to discussion the issue of the difference that has been conceived and practiced in the last centuries.

Key words: modernity, difference, equality.

outros. Minha intenção aqui é discutir como a sociedade vem concebendo e praticando a diferença nas relações que envolvem sujeitos históricos e culturais, isto é, aqueles que participam na construção da história e da cultura vinculados às condições concretas que os acompanha, no contexto do processo denominado modernidade², a partir do Iluminismo. Também, como estas concepções e práticas têm favorecido modos determinados de violência³.

¹ Professora do Centro de Ciências da Educação da UFSC. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande Sul.

² Cabe ressaltar que as referências ao contexto da modernidade reconhecem-na como algo não unívoco e compacto em sua trajetória de alguns séculos.

³ Considero violência todo movimento que submete alguém ou um grupo à opressão, à subserviência, onde o outro é tratado como objeto e vivencia situações de constrangimento, de dor, de desespero, de silenciamento, de segregação, de negação de sua singularidade, sejam estas públicas ou privadas.

Longe de pretender dar respostas objetivas, vencer possíveis confusões teóricas e/ou traçar um mapa de verdades, busco organizar um síntese que resulta de algumas leituras e inquietações pessoais e intenciono forjar o abrir de alguns arquivos para resignificar concepções que borbulham no universo das minhas vivências como educadora, experimentando a fertilidade das incertezas. As incertezas são férteis porque estimulam o desejo de conhecer. E mais, abrem as possibilidades para recriar o já conhecido, para socializar as “verdades” já descobertas por aqueles que se empenharam no esforço de compreender e sistematizar as faces que tecem aquilo que chamamos realidade.

À luz de um outro paradigma em que analisa os sistemas complexos e recorre à importância de um pensamento não fragmentado, E. Morin (1994:24), referindo-se à crise do futuro – gerada pelas incertezas do presente e pela não confirmação de milhares daquelas que foram elaboradas no passado –, afirma que (...) há [pelo menos] vinte anos, havia certeza e segurança de que o progresso era uma máquina, que cria sempre e necessariamente em frente e que o amanhã será sempre melhor que o hoje e que o hoje é melhor que o ontem”. E questiona: “o que causa essa certeza, essa fé no progresso transformado numa divindade?” Gestada no ocidente ao longo do século XIX, esta certeza foi disseminada em todas as nações e continentes, como milagre *ad infinitum* e para o qual todas as regras seriam justificadas, todas as formas de destruição poderiam ser explicadas, todos os mecanismos de exclusão e segregação fariam parte do processo.

A fé no progresso, pautada na trindade razão, técnica e ciência, é revestida de muitas pretensões, entre as quais, fornecer ... “a luz para esclarecer os caminhos do futuro”. Nesse caminho não há lugar para todos, e muitos permanecerão deixados à margem porque o caminho não comporta qualquer diferença que possa desordenar o seu curso inexorável: acumular riqueza para alguns, embora a retórica afirme levar o bem para todos. Por essa razão, tem-se constatado que, em especial nas camadas populares, crianças, adolescentes e adultos integrantes do cortejo de características que os denomina diferentes (negros, deficientes, pobres, analfabetizados, viciados, ecologistas, delinquentes, homossexuais, prostitutas(os), moradores das ruas, velhos, “nativos”, entre outros) são “tratados” perversamente. São homogeneizados numa única “igualdade”: excluídos.

São, desse modo, chamados formalmente para compor esta suposta igualdade quando da definição das políticas públicas, por exemplo, arauto redentor para compensação da exclusão. O que move, portanto, o pensamento ocidental, parece ser a certeza de (...) “que quando o progresso está com o desenvolvimento industrial, toda a organização da sociedade será sempre melhor” (1994:24).

Morin, neste mesmo artigo, ressalta ainda que a fé nessa trindade produziu uma concepção de mundo hegemônica, crente de que “a ciência sempre produz o bem, sempre produz o conhecimento verdadeiro, sempre ajuda a razão. A técnica dá, aos humanos, a possibilidade de controlar, de submeter a matéria e as energias. A razão tem o seu progresso de um modo quase inevitável”. Tudo que se colocar fora desses pressupostos é anormal, deficiente, fora de forma, sofre de rigidez intelectual, é supérfluo, é descartável, é uma degeneração da natureza, é resultado de misturas, é preguiçoso e desinteressado, é integrante do mundo aborígene, É... diferente, ou seja, tudo o que está à margem, nunca no centro ou no curso do caminho. Não sei se um pouco tarde, mas pode-se agora constatar

...que esta trindade é muito doente, pois nela há rupturas internas. Hoje em dia [pode-se] saber que a ciência faz coisas muito boas e muito fecundas, mas também permite pela primeira vez na história da humanidade a possibilidade de sua destruição total, a partir da bomba atômica.

Aqui a diferença está sendo concebida como uma “marca” que distingue, numa mesma sociedade, os seres humanos uns dos outros pelas suas particularidades físicas, sexuais, econômicas, contingenciais, etárias, étnicas. Ou seja, diferentes são aqueles que não foram contemplados com a “igualdade” concebida e praticada pelos incluídos do/no sistema social vigente, porque estão encharcados de distinções não convencionais, fruto de sua “incapacidade” para ser igual aos iguais, como acredita a classe dominante. Portanto, nos aspectos jurídicos, ambientais, políticos, culturais, étnicos, econômicos, éticos, os diferentes não podem ter acesso nem mesmo aos direitos formais, como os de proteção e de respeito públicos, direitos estes que transcendam a retórica - aquela que toma ênfase, por excelência, nos períodos eleitorais. Nesse sentido, os Direitos Humanos escritos na Declaração Universal, ainda precisam alcan-

çar concretude no espaço das lutas para avançar nas reivindicações que se operam no marco das correlações de forças que caracterizam cada período da história.

Hannah Arendt (1991:51) afirma que "...a vitória da igualdade no mundo moderno é apenas o reconhecimento político e jurídico do fato de que a sociedade conquistou a esfera pública, e que a distinção e a diferença reduziram-se a questões privadas do indivíduo". A sociedade emoldurou as diferenças no campo individual, dirigindo o foco da objetiva para o problema pessoal porque, se as admitisse como parte de sua "tecitura", teria que assegurar a partilha dos direitos como condição inalienável para todos os homens. Criamos, para tanto, armadilhas que, historicamente foram chamadas "as minorias" e, com isso, nosso modo de conceber e praticar a democracia se inscreve na "ditadura da maioria"; relegados, responsabilizamos os universos particulares por seus problemas e carências. A idéia do homem como ser social exigia unanimidade nas relações, em especial nas normas de conduta, "...de sorte que aqueles que não seguissem as regras podiam ser considerados associiais ou anormais" (1991:52). Ou seja, prevalece ainda a certeza de que a sociedade deve ser encarada como um único sujeito.

Reconhecer social e publicamente as diferenças não significa enclausurar a todos na esfera do homogêneo, tornar os homens uma massa. Pelo contrário, reconhecê-los diferentes, singulares e irrepetíveis exige sensibilidade para compreender a alquimia das relações concretas entre traços pertinentes a cada um e a todos. Admitir que a vida é constituída por diferenças implica assegurar às pessoas o direito de revelarem suas potencialidades, de afirmarem-se como sujeitos de ação. Volto a Arendt (Idem, ibidem, p.188) para melhor situar a relação igualdades/diferenças. Para ela,

a pluralidade humana, condição básica da ação e do discurso, tem o duplo aspecto de igualdade e diferença. Se não fossem iguais, os homens seriam incapazes de compreender-se entre si e aos seus ancestrais, ou de fazer planos para o futuro e prever as necessidades das gerações vindouras. Se não fossem diferentes, se cada ser humano não diferisse de todos os que existiram, existem ou virão a existir, os homens não precisariam do discurso ou da ação para se fazerem entender. Com simples sinais e sons, poderiam comunicar suas necessidades imediatas e idênticas.

De acordo com Arendt, o fato de ser diferente não significa equivalência a outro, não corresponde à alteridade enquanto característica comum a tudo o que existe. "A alteridade é, sem dúvida, aspecto importante da pluralidade; é a razão pela qual todas as nossas definições são distinções e o motivo pelo qual não podemos dizer o que uma coisa é sem distingui-la de outra" (p.189). Longe de cons-

tituir realidades homogêneas, são os homens que possuem a capacidade de exprimir diferenças e distinguir-se; só os homens podem comunicar-se a si mesmos. "No homem, a alteridade, que ele tem em comum com tudo o que existe, e a distinção, que ele partilha com tudo o que vive, tornam-se singularidade, e a pluralidade humana é a paradoxal pluralidade de seres singulares" (p.189). É através do discurso e da ação que a singularidade humana aparece, que os homens se manifestam entre si, não "como meros objetos físicos, mas enquanto homens". Ou seja, para Arendt é com atos e com palavras que nos inserimos na sociedade dos homens.

A igualdade propugnada pelo universalismo liberal – e pela tradição socialista – procura mostrar que "a única possibilidade do cidadão viver na sociedade sem discriminações e privilégios, é abrir mão de sua história concreta, de sua identidade e de sua constituição emocional – outro concreto" (COLAÇO, 1997:02) Portanto, pretender que os diferentes sejam contemplados objetivamente pelas políticas públicas e pelas regras que transversalizam as relações sociais, implica, nessa compreensão, necessariamente suplantarem todas as suas diferenças, convertê-los em iguais aos iguais.

A conquista da emancipação humana almejada pelo Movimento Iluminista, potencial que só a razão possibilitaria a partir da apropriação do "esclarecimento", definiria os ideais políticos modernos. Ou seja, resultaria da libertação de homens e mulheres de todas as práticas de tutela, da superação de sua menoridade política e, com isso, fincaria os marcos da autonomia social colocando-se como centro das explicações acerca da realidade. Nessa trajetória, a escola pública foi cantada como o *locus* privilegiado de acesso ao conhecimento, onde a apropriação do esclarecimento pelos humanos forjaria o "sair da caverna". Não foi bem assim que a retórica se fez prática e, embora reconhecendo a plasticidade que têm homens e mulheres para construir e transformar o curso da história, os supostos benefícios desta modernidade não contemplaram a todos.

Nesse esforço de vencer o passado atrofiado pelo conservadorismo e convencido de que tudo poderia ser explicado pela razão, este Movimento processa a modernização do real pela busca incansável do progresso para homens e mulheres, forjadas as suas expressões, mais recentemente, num Estado de bem-estar social que asseguraria aos filhos e às filhas de todas as nações uma suposta igualdade. Os benefícios trazidos pela revolução industrial baniria do planeta o sofrimento humano – o *labor* – e ensejaria dignidade para essa espécie através do trabalho produtivo, que renderia a cada um o tamanho de seu esforço individual e os tornaria "livres" e "emancipados". A razão guiaria os rumos da humanidade e qualquer diferença seria enclausurada na idéia de livre arbítrio.

Passados dois séculos de crença nos pressupostos da modernidade, pautados nos ideais de liberdade,

fraternidade e igualdade que deveriam incluir também os segregados, hoje mais do que antes, começa-se a questionar a própria crença. Os excluídos de ontem, com as vestes da modernidade, apenas mudaram de aparência no processo mesmo em que se deparam com muitos outros, seus pares nessa odisséia. Cresceram e multiplicaram-se sem poder compartilhar das benesses alardeadas às nações e aos continentes, já que a lógica realizadora do mundo capitalista não lhes abriu as portas de acesso aos resultados de sua produção. Crianças, adolescentes e adultos, homens e mulheres, em sua grande maioria, vêm-se mergulhados num universo sem perspectivas a curto prazo, num vazio social sem horizontes à sua frente, embora não tenham deixado de perseguir e experimentar alternativas, nem sempre tão acertadas enquanto escolhas, mas possíveis nos seus momentos e no seu movimento.

O tripé de sustentação da modernidade legou à humanidade, entre tantas heranças, os desafios de revisitarem suas crenças e suas práticas, os mecanismos velados e explícitos que insistem em coagular a história, quando não apregoar seu fim. Ao final de mais um século/milênio, às portas de *um novo tempo*, continuamos a conviver com múltiplas formas de insensibilidade para com milhares de seres humanos submetidos a toda ordem de violência, de negação da sua vocação ontológica, mostrando que a nossa capacidade de indignação não transcende, quase sempre, a respiração que exclama algumas perguntas: como é possível? O que fizemos nesse tempo de nossa existência?

Criamos e recriamos um mundo moderno, recheado de descobertas e invenções, não obstante, tão marcado por violências simbólica e/ou material, particularmente aquelas retratadas no decorrer dos últimos séculos. A era moderna vem sendo configurada também por uma série de revoluções que procuram combinar o “...antigo entusiasmo romano pela fundação de um novo corpo político e a glorificação da violência como único meio de ‘fazer’ esse corpo” (Arendt, 1991, p.240).

Contribuindo para que melhor possamos compreender os acontecimentos do século XX, Eric Hobsbawm nos brindou com mais uma de suas grandes obras intitulada “Era dos Extremos”. Ao iniciar suas análises recorre a “uma vista aérea, um olhar panorâmico” apresentado por alguns pensadores que assim falam desse presente, apontando seu movimento e suas contradições:

Lembro-o apenas como o século mais terrível da história (apud Isaiah Berlin – filósofo, Grã-Bretanha); ...e os fatos do século XX...os terríveis acontecimentos por que passou a humanidade (apud Julio C. Baroja – antropólogo, Espanha); ...nós, sobreviventes, somos uma minoria não só minúscula, como também anômala. Somos aqueles que, por prevaricação, habilidade ou sorte, jamais tocaram o fundo.

Os que tocaram, e que viram as faces de Górgonas, não voltaram, ou voltaram sem palavras (apud Primo Levi – escritor, Itália); vejo-o apenas como um século de massacres e guerras (apud René Dumont – ecologista, França); não posso deixar de pensar que este foi o século mais violento da história humana (apud William Golding – Prêmio Nobel, escritor, Grã-Bretanha); a principal característica do século XX é a terrível multiplicação da população do mundo. É uma catástrofe, uma tragédia. Não sabemos o que fazer a respeito (apud Ernst Gombrich – historiador da arte, Grã-Bretanha); se eu tivesse que resumir o século XX, diria que despertou as maiores esperanças já concebidas pela humanidade e destruiu todas as ilusões e ideais (apud Yehudi Menuhin – músico, Grã-Bretanha). (1995: 11-2).

Na sua própria fala, Hobsbawm ressalta (p.14) que (...) “os acontecimentos públicos são parte da textura de nossas vidas”, anunciam nossa generosidade e denunciam nossa intolerância. A I Guerra Mundial, por exemplo, foi um dos registros singulares da intolerância de alguns sobre tantos outros, acontecimento que

...assinalou o colapso da civilização (ocidental) do século XIX, [e como lembra esse mesmo historiador,] uma civilização capitalista na economia; liberal na estrutura legal e constitucional; burguesa na imagem de sua classe hegemônica característica; excludente com o avanço da ciência, do conhecimento e da educação e também com o progresso material e moral; e profundamente convencida da centralidade da Europa, berço das revoluções da ciência, das artes, da política e da indústria e cuja economia prevalecera na maior parte do mundo (...).

Portanto, um século que traz a marca de ser genocida, que extirpou a vida de inúmeras pessoas, dos diferentes, produzindo inúmeros modos de matá-los: de fome, de doenças curáveis, com as guerras químicas e bélicas, com o desprezo e a segregação aos direitos mais elementares do ser humano.

Por outro lado, em especial neste século temos colocado em pauta e com mais evidência nossos questionamentos acerca daquilo que criamos como história humana e, como lembra Arendt, somos, quem sabe, a primeira geração que se preocupou em tomar consciência, de algum modo, acerca das conseqüências fatais do modo de pensar que predominou na era moderna, qual seja, aquele (...) “que nos força a admitir que todos os meios, desde que sejam eficazes, são permissíveis e justificados quando se pretende alcançar alguma coisa que se definiu como um fim” (p. 241). E o fim propugnado por esta fase não foi outro que

acumular propriedades e apropriar-se do universo para o suposto benefício da humanidade.

Se o anúncio proposto pelos ideais modernos travestia-se de uma forma criativa de intervenção no velho mundo, se pretendia evitar o efeito da autocomplacência sobre a humanidade encarando-a como sujeito de seu próprio porvir, por um lado, por outro lado não legou a todos as condições para constituírem-se sujeitos de direitos, capazes de resignificarem suas vidas enquanto processo mesmo de seus atos, nas relações vivenciadas com outros sujeitos. Faltou/falta escola, saúde, habitação, alegria, saneamento básico, alimentação, lazer, ócio e liberdade, democracia para orientar suas escolhas, faltou felicidade, pelo menos. Não possibilitou a muitos viver com dignidade seu processo de humanização, negou a tantos sua identidade, permaneceu, longamente, centrado no ego que prioriza um EU separado do NÓS, vivendo num tempo linear, embriagado pelo poder que sufoca e restringe. Fortaleceu espaços de julgamentos cruéis para avaliar e classificar as pessoas como mercadorias; desqualificou o humano e fragilizou sua auto-imagem pessoal e social. Nesse sentido, destruiu a compreensão fundamental de que a experiência primordial da identidade de cada um é a comovedora e intensa sensação de estar vivo, gerando-se a si mesmo, gerando aos demais.

Mas, esse é também um tempo que, em escala menos evidente para muitos, se transcenderam algumas concepções narcísicas e se explicitaram certas contradições, dimensão essencial da própria realidade. Com isso, ao mostrar as mazelas desse período, com suas fragilidades para gerar a inclusão dos subalternos, mostra também os espaços largos que galgaram milhares de crianças, adolescentes e adultos, na **ousadia audaciosa** de experimentar e realizar um novo, forjado no questionamento das entranhas perversas que transversalizam as práticas denominadas políticas, por conseguinte, pedagógicas.

É um tempo, como diz Leandro Konder, em que se pode viver e reforçar anúncios que contemplem a crítica e a autocrítica, impedindo o efeito conservador da autocomplacência que busca coagular o movimento autorrenovador da consciência, enrijecendo-lhe o ímpeto criativo e a abertura para o novo. Acredito que estamos, progressivamente, anunciando objetiva e subjetivamente um tempo desse tipo e, com inteligência, para incluir e integrar, na diferença, todos os diferentes; ou seja, um tempo em que seja possível vivenciar todas as diferenças. O estar-junto evidenciado por muitos grupos (mulheres, homossexuais, tribos), as manifestações renovadas de resistência aos conservadorismos, as alternativas de libertação editadas por povos oprimidos, indicam que minha crença não está isolada numa utopia individualizada.

A vida permanece necessária, a história também; campos de conformismos e resistências, de interlocuções entre o velho e o novo. Portanto, penso que isso nos

permite as utopias, acreditar que ambas são construções diuturnas de ações e reflexões, de limites e possibilidades, onde se pode inclusive devolver as falas aos silenciados. A possível ruptura entre o velho e o novo parece evidenciar uma das principais proezas que configura o marco da modernidade: a emergência de novos paradigmas; estes, cada vez mais, buscam apontar outras explicações da realidade e indicar outros caminhos por onde a humanidade pode transitar, criando Movimentos mesclados por subjetividades e intersubjetividades, articulados na objetividade mesma da nossa existência. São concepções e práticas que contemplam qualidades e singularidades essenciais para o resgate da nossa dignidade, enquanto sujeitos históricos e historicizados que podem superar o medo de estar completamente vivos porque rompem com o estado vegetativo que a sociedade contemporânea tentou nos imputar. Maturana, com muita sensibilidade ressalta que o “mundo em que vivemos é o mundo que nós configuramos e não o mundo que encontramos” (1995: 134).

Balandier, como Maturana, busca em seus escritos desconstruir certas verdades cimentadas como únicas, tornando patente que é preciso experimentar a fertilidade do desequilíbrio, à medida que esta traz inúmeras mudanças e produz dispersão, ou seja, torna as verdades arejadas e suscetíveis de serem ditas novamente. Para ele,

a 'natureza não é linear', nada é simples, a ordem se esconde na desordem, o aleatório está constantemente a refazer-se, o imprevisível deve ser compreensível. Trata-se agora de produzir uma descrição diferente do mundo, onde a idéia do movimento e de suas flutuações prevalece sobre a das estruturas, das organizações, das permanências (1997: 9-10).

Portanto, a desordem pode servir para recriar ou para confundir; é o risco do caos que é formado pela fonte que produz ordem e desordem, um tempo para reordenar o desordenado. A vida é um jogo constituído e constituinte de ordem e desordem; é desta última que parecem emergir os mecanismos criativos que permitem a homens e mulheres (re)dizer suas perspectivas e desejos.

Somos vítimas de uma deformação cultural que nos quer iguais, idênticos, para que então possamos ser incluídos e respeitados como cidadãos com maioria política. Mas como também somos o processo mesmo de nossos atos, somos “guerreiros” para viver nosso modo diferente de ser neste planeta. Os “guerreiros” nem sempre destruíram os muros para encontrar o sol do outro lado. Não, de acordo com as circunstâncias possíveis, abraçaram o sol apenas saltando os obstáculos, pulando os muros da dominação, permitindo-se ser. Mostraram, de modos muito diversos e nem sempre tão perceptíveis aos olhos da razão, que cada pessoa é um cosmos com luz própria, com movimentos sempre origi-

nais porque únicos e que, quando se juntam com outros é que podem formar a galáxia. E como nos ensina Arendt, como seres humanos podemos pensar individualmente, mas a ação só se efetiva coletivamente.

Desconhecer as abordagens que procuram resignificar os modelos gerais de explicação dos fenômenos sociais, políticos e econômicos, pode nos encurralar em novas formas de ceticismo. Mesmo num tempo em que os acessórios ainda sobrepujam o essencial, mesmo num tempo em que as condições de exclusão e segregação não se escoam por inteiro, mesmo com o ressurgimento do conservadorismo em tantos espaços e com faces tão dissimuladas, Balandier (1997, p.174) insiste que “tempo e espaço parecem se confundir, realizar conjuntamente uma verdadeira mutação, abolir-se em suas antigas formas e se tornar assim capazes de produzir efeitos cada vez mais inteligentes”, contradizendo o determinismo dos cursos inexoráveis da história da humanidade.

Sabe-se que a exclusão pode constituir-se num mecanismo fundamental para produção das patologias de toda ordem, até mesmo da loucura. Por essa razão, não é possível ao gênero humano tecer sua humanização em situações de degradação moral, política, material; em situações de violência. A permanência em estruturas castradoras produz múltiplas neuroses e sentimentos profundos de inferioridade. A experiência em situações impeditivas do desenvolvimento humano pleno, não permite a expressão de nossas possibilidades, de nossa capacidade criadora, não nos deixa “dançar a vida”; nesse sentido, persistir no direito à inclusão social significa continuar a lutar pelo reconhecimento público às diferenças⁴, todas elas. Implica denunciar que a tão decantada modernidade, com suas contradições gestou, entre tantas proezas, ilhas de progresso e de bem-estar social inseridas escandalosamente em oceanos de arcaísmo e abandono humano.

Estas questões aqui assinaladas, expressão de algumas das minhas inquietações atuais, enquanto exercício de síntese é também um exercício de liberdade, à qual são inerente os riscos, mas a alegria de pronunciar o pensamento. São representações que emanam da ordem e da desordem do meu modo de conceber a realidade e sua dinâmica, longe de quaisquer certezas ou conclusões. Por isso, gostaria de finalizar – sem concluir – pontuando algumas impressões que poderão ser partilhadas com alguns dos leitores.

A chegada do novo milênio parece impulsionar as pessoas na luta por uma nova ordem de pensamento e ação, reconhecendo, em primeiro lugar, que um dos impeditivos que enfrentamos para viver como seres livres é o envolvimento numa rede que só nos permite fazer o que estamos conformados a fazer. Ora, a liber-

dade não nos interessa teoricamente, mas fisicamente, isto é, poder experimentá-la no ato de resignificar o passado e o presente. Como experimentar a condição de seres livres no seio de tantas cadeias que teimam em não desatar suas correntes? Estamos imersos em preconceitos, mas lutamos incansavelmente por uma igualdade que preserve nossa singularidade; a forma continua a predominar sobre os conteúdos que dão sentido à vida, mas também estamos, muitos, inconformados com a mesmice e dispostos a correr alguns riscos com a única intenção de ser; há inúmeras insistências de que a história chegou ao fim, de que não adianta querer alterar o curso e a ordem da existência humana, embora milhares de vozes estejam unidas, às vezes num silêncio ativo, indicando o recriar dessa mesma história ao recriar o cotidiano com todas as suas relações. Em paralelo à prepotência de algumas nações sobre outras, em que a morte de milhares é justificada pela democracia retórica, tantos se dão as mãos num movimento de não violência, de respeito à integridade de cada pessoa, não importam suas particularidades, o lugar onde vive, a cor de sua pele, a sua opção sexual, religiosa etc.

Se a sociedade em que vivemos é moralista, é exatamente porque tem medo da liberdade, já que é na liberdade que está contida a pluralidade. Nela estão presente múltiplas identidades geradas por conflitos e por atrações, num movimento que comporta intersubjetividades e que tenta mostrar que a importância pessoal e a imagem que nos esforçamos para apresentar frente aos demais é fruto do valor que acreditamos ter (ou não), em função dos olhares e das opiniões dos outros a nosso respeito. A força dessa moral coagulada não nos permite cometer erros, se é que eles existem; se existem, como crescer sem eles? Como exercer direitos primordiais com medo de se expor, de ser ridicularizado pela “voz social” que diz sempre: seja perfeito, faça o que é o certo.

Tomar a diferença como singularidade é estimular os diferentes para que possam expressar a sensação plena de viver e não a ansiedade constante de apenas sobreviver. Como na sociedade em geral e na escola em particular, o exercício da diferença está ainda longe de alcançar patamares aceitáveis, cada vez mais a produção da exclusão é justificada pelos valores decretados como válidos e que respondem pela mensuração de quanto vale cada um em função de sua origem social, econômica, política, religiosa, étnica e de tantas outras. O que o mundo moderno nos ensinou quando pretendeu que o esclarecimento forjasse o nascer de uma nova consciência?

São muitas as perguntas, algumas são as respostas provisórias. Sabemos que a exclusão, quando exacerbada, pode se constituir num mecanismo fundamental da loucura; portanto, todas as ações que neguem o isolamento estão promovendo encontros de pessoas que se

⁴ Aquele que deve moldar desde os parâmetros da arquitetura para que favoreça o acesso de todos aos bens materiais e culturais até o reconhecimento do social como um espaço de singularidades, onde os grupos podem exercer o ser diferente com legitimidade.

reconhecem umas nas outras, que referenciam sua humanidade na humanidade do outro. Balandier (1997: 16-7), ao afirmar que “a modernidade é movimento mais incertezas (...)”, [ênfatisa que esta] “inquieta e fascina”; traz em seu bojo os limites, mas também as possibilidades para o presente. Para ele, “a modernidade é o que se move, a desconstrução e a reconstrução, o desaparecido e o novo, a desordem da criação e a ordem das coisas ainda ordenadas, intatas”. Por suas contradições, a modernidade possibilita a atribuição de novos sentidos ao existente e, por consequência, sua recriação.

Referências Bibliográficas

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 5. ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991. Trad. Roberto Raposo.

BALANDIER, Georges. *A desordem: elogio do movimento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. Trad. Suzana Martins.

COLAÇO, Roberto L. *O público e o privado no pensamento de Hannah Arendt*. Trabalho apresentado para conclusão de Seminário no Curso de Mestrado em Sociologia Política da UFSC, Florianópolis, 1997. (inédito)

GRAMSCI, Antônio. *Concepção dialética da história*. 8. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989. Trad. Carlos Nelson Coutinho.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 199. Trad. Marcos Santarrita.

KONDER, Leandro. *O marxismo na batalha das idéias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

KUSCH, Rodolfo. *América profunda*. 3.ed., Buenos Aires: Editorial BONUM S.A.C.I., 1986.

MORIN, Edgar. “Para sair do século XX”. In: *Revista do GEEMPA*. Nº 03, Porto Alegre, mar. 94 (23-33).

MATURANA, Humberto e VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano*. Campinas: SP: Editorial PSY, 1995. Trad. Jonas P. dos Santos.

ROUANET, Sergio Paulo. *As razões do iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América*. 2. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1988. Trad. Beatriz Perrone Moisés.

Data: 09/10/00 Nome: Talita Nave

♥ O Obussem é uma pessoa muito legal, inteligente por fora.

—

É um acha que por dentro de é uma pessoa que quer ajudar o outro e o próximo.

—

Da é calmo!

—

Da é uma pessoa humilde mas legal.

♥

Escola de Educação Básica Professor Alexandre Sérgio Godinho – Biguaçu/SC,
texto de aluno(a) da turma da 3ª série – professora Rubelice O. K. Zimmermann.